

Tópico 3

O poder e [exercido] analisado de diferentes maneiras nos diversos tipos históricos. Max Weber, por exemplo, entendeu poder como impregnação de vontade de uma pessoa ou instituição sobre indivíduos. O poder, portanto, estava relacionado com a capacidade de certos grupos ou indivíduos de imporem suas vontades. Karl Marx compreendeu que o poder estava com quem possuía os meios materiais de produção do capital, o que em sua época consistia em fábricas e terras. Tal posse gerava injustiças sociais, situações que exigiam a revolta do proletariado contra a burguesia para a tomada dos meios de produção. Nesse sentido, deveria haver um entendimento que pudesse gerar uma distribuição dos meios produtivos na sociedade.

Pierre Bourdieu via [exercido] poder como compreendido em sua esfera social e coletiva formada de Habitus. Entender Habitus como conjunto de valores, normas, regras, costumes culturais, como religião, arte etc., que moldam a sociedade, têm a capacidade de juntar, separar as pessoas. Em Habitus atuaria nem que as pessoas não derem conta. Mas, segundo Bourdieu, há um poder por trás disso tudo que soia em que as pessoas, inconscientemente, buscam consumir, gastar, adequar-se a outros elementos em detrimento de outros. Haveria, portanto, um comando coletivo dessas preferências conferindo a certos atores um poder econômico ou social. Esse comando é exercido pela criação de representações simbólicas e normas adequadas.

Michel Foucault destacou que o poder não está centralizado na sociedade, como na época dos regimes monárquicos, por exemplo. O poder estava dividido na sociedade entre várias instituições de controle diferentes. Um marco decisivo para isso foi a Revolução Industrial, com o advento do capitalismo liberal. A partir daí o poder passou a ser exercido por diversos instituições diferentes, como escola, indústria, quartel, prisão, hospital, hospício. Tais instituições exercem poder sobre os indivíduos de diferentes formas, como moldando, controlando para serem mais produtivos, segundo quando não se adequam ao sistema, tratando quando [exercido] adequadamente.

Norberto Bobbio também trouxe contribuições importantes sobre o tema

ao tratar das três formas de poder existentes: econômico, ideológico e político. Segundo Bobbio, o poder econômico mantém o funcionamento da estrutura capitalista. O poder ideológico é responsável pela manutenção de toda uma estrutura social em funcionamento, pois faz com que os sujeitos aceitem o poder contra eles imposto. O poder político é o poder legal, que controla o Estado e detém o direito de uso da força física. Normalmente, essas três formas de poder são exercidas pelos mesmos grupos.

Outros estudiosos trataram do tema, mas as contribuições dos aqui citados já nos ajuda a refletir sobre descontinuidades e manutenção. Se na época de Weber, por exemplo, o domínio estava na imponência, na contemporaneidade o poder é exercido de forma que se compreenderá ser mais vantajosa economicamente. Trata-se da persuasão, do convencimento. Maquiavel já havia destacado esse ponto ao tratar de como se mantinham os poderes, afirmando a importância de haver momentos de ação, mas reflexos de longa duração. Mas temos diferenças que parecem estar relacionadas com o Habitus, proposto por Bourdieu. Se a presença do rei indicava com mais clareza quem, pelo menos em teoria, exercia o poder, hoje essa identificação não é tão simples. Diversos agentes parecem exercer influências em simultâneo, seguem diferentes caminhos, especialmente [processo] dividindo entre certa dimensão de fronteiras, que rotula, como grandes cartéis, a problemática de certos tipos de hegemonias, mas corporações transnacionais, alterando um mundo.

Isso não elimina a ação dos antigos atores, como as instituições apontadas por Foucault, mas interfere em sua força e cria um novo ator: personagens. Uma das possibilidades positivas da internet, por exemplo, é a emergência de novas vozes, de novos pontos de vista, [atitudes] quebrando monopólios de grupos de comunicação quanto ao poder de fala. Nesse sentido, a contemporaneidade viu novas revoluções, porto que essas sempre ocorrem, mas em grande medida [processo] de quebras hegemônicas. No entanto, é importante destacar que os grupos no poder não adaptam para comodificar o sistema. Afinal, conforme destaca Bobbio, geralmente os poderes econômico, ideológico e político são exercidos pelos mesmos grupos. É assim que vemos, por exemplo, os grandes

Redes de comunicação deslegitimando [exemplos] o que está na internet e vai contra aquilo que pregam. E se empentando em se mostrar como convincentes e dignos de reconhecimento enquanto fontes seguras de informação.

Obviamente, não conseguem aniquilar tudo, já que a consciência sempre existe. Também já perceberam que pessoas podem ser mais preditivas. Até porque hoje a palavra da moda é empreendedorismo. É mesmo porque é uma das características mais típicas da contemporaneidade. Se Karl Marx destacou que o problema estava na forma dos meios de produção, hoje [exemplos] a falácia que se vende é que qualquer um pode ter seu próprio negócio. Assim, quem não é bem sucedido não [exemplos] está nem aí porque não se esforçou adequadamente. Esse tipo de pensamento tem relação com o National Capitalism e gera como consequência [exemplos], por exemplo, os inúmeros casos de depressão, que têm relação não apenas com a falta, mas fundamentalmente, com o excesso.

Consumo e culpa são marcas da contemporaneidade. Os indivíduos são incentivados a terem ciências com o consumo, a aquisição de objetos. Mas estes nunca são suficientes, levando as pessoas a endividamento, dali a culpa. Em esse sentido a contribuição de Boenisch parece ser importante. No entanto, é preciso sempre considerar as resistências. Por mais que o poder seja exercido de modo aparentemente mais indireto, não por meio de暴力 (violência), mas por envenenamento, sendo, portanto, mais sutil, e é preciso sempre considerar que as pessoas não merecem representações de informação. A capacidade de elaborar as situações em que estão inseridas não podem ser monopropriedades. As ideias não importantes sempre estarão de

Tópico 8

Vivemos na era dos algoritmos, tendo nossa vida em vários aspectos rastreada. Sabemos inclusive lidar com eles no tocante a preferências. Lutar a ponta de uma instituição porá com que suas publicações apareçam com mais frequência na nossa rede social, por exemplo. Buscar um produto similar para encontrar o que de fato se deseja também não é incomum. A questão é que muitas vezes o rastreamento da nossa vida ocorre de modo mais abrangente e intenso do que percebemos. Um pouco sombrio há alguns meses me parecia ter cheio a lista porque ainda em desenvolvimento a rede de uso de aplicativos de transporte, como Uber. À época era que, diferente do que se desvolveu, o custo operado pelo aplicativo não era o mais rápido, mas o que permitia que o passageiro viesse mais propagandas ou tipos de anúncios. Outro caso é o da cintura que preocupa desenhando uma rede de artifícios para driblar os algoritmos e não ser bombardada com anúncios de roupas e mobiliário para bebê, por exemplo.

Nesse cenário, O'iddens fala em sujetos "ontologicamente meus". Essa inseparabilidade tem relação diretamente com descontrole das pessoas sobre o real e material circundantes à humanação, mas também da consciência de como percebem e vivem sua autoidentidade. Santmar destaca [pessoal] a angústia. Expeça que a angústia não se reflete apenas em sentimentos de alienação, depressão, vazio, ou seja, percepção de ausência, de falta. A angústia [pessoal] advém também de excesso. Ao invés os outros deixados nos ambientes digitais e de que delas se valem para funcionar, os [operadores] corporações sabem mais a respeito dos indivíduos do que os próprios em outros aspectos [pessoais]. Se por um lado isso otimiza recursos investidos em publicidade, por outro gera uma sensação de não ser possível escapar. Daí a angústia, lecionada por Santmar, pelo olhar de proximidade, [pessoal] penda de distância, uma presença que parece querer um controle direto sobre o íntimo do sujeito.

Apartir de vigilância remota [despedida que se despede] o trabalho com os algoritmos pode ajudar a visibilizar, os ambientes digitais também têm potencial de empoderar os sujeitos, permitindo que se desquam como mais atuantes no governo de suas localidades, por exemplo. Iniciativas de e-governo, como fóruns de discussão [pessoal] abertos por páginas de organismos oficiais, [pessoal] como o Senado Federal,

ilectrum em ponto. Segundo Lartells¹, a eficiência do Estado dependerá da sua capacidade de processar informação e de arregalar um processo decisivo compatilhado, um "Estado em rede". Sennavia destaca que a informação não pode se transformar em um instrumento de dominação do governo sobre o círculo da sociedade. Isto porque, Bobbio argumenta que há o risco de as tecnologias informacionais permitirem mais o máximo controle do poder por parte dos cidadãos, mas o máximo controle dos cidadãos por parte do poder.

Tópico 2

O comportamento moral é dirigido pela área da Filosofia denominada Ética. Isto relações com os valores aceitos em determinado época, em cada sociedade. Até, o que moral não é estanque, tendo sido interpretado de diversas formas. [Referência] Valores aceitos no Brasil não diferentes depois aceitos na Imprensa. Isto como valores aceitos no Brasil há tempos diferem aqueles de hoje.

Produtos midiáticos não intencionais fontes de práticas moralmente aceitos em cada sociedade, em determinado momento histórico. Programas televisivos veiculados há vários anos, por exemplo, no vinte e oito tem a dada advertência de que reproduzem conteúdos da época em que foram transmitidos, causam estremecimento e até revolta. Termos preconceituosos, como aqueles referentes à orientação sexual, provocam não nos demais personagens.

A análise de tais produtos é importante para exemplificar o quanto a sociedade se modifica em termos do que é moralmente aceito. Longe de ser um movimento natural, tais mudanças estão muito atreladas a movimentos sociais que se recorrem a manterem seus laços historicamente definidos como rebaixamentos e inferiores. É o caso da luta das mulheres travada em grande medida pelos vários grupos feministas espalhados pelo mundo e que faz com que hoje seja mais difícil ouvir insultos e agressões a mulheres. A própria legislação reflete essa mudança nos valores socialmente aceitos, vise a Lei Maria da Penha.

Queridas racias também refletem mudanças. Nesse âmbito, é ilustrativo considerar criticas a obras literárias anteriores [Referência] datadas de prestígio relevante, como as produções de Monteiro Lobato, por conterem elementos hoje considerados racistas. Mais uma vez, a mudança de paradigma, que ainda precisa avançar muito, é fruto de muita luta de movimentos sociais, que se reivindicam e permitem que os negros saiam alto de agravos, fáscias, práticas gênero de qualquer outra natureza, como se fizessem infernos em ferrugem da cor de sua pele. A legislação também acompanhou, sendo crime hoje usar termos racistas para se referir a [Referência] alguma

[Referência] A grande dificuldade que se vê hoje na sociedade brasileira de se encontrar formas de mais adotar o moral no generalizante, seja na escrita ou na fala, também reflete uma mudança de valores. É fruto de reflexão acerca [Referência], dentre outras fontes, do exercício de poder na

Nécessidade, da determinação de representatividade, da reivindicação de lugar digno.
Todas essas questões mostram que os valores estão ligados ao modo como []
buscam o lugar, se percebem e reivindicam suas posições, sempre envolvidos em
disputas.